

“ARQUITETURA MODERNA: A ATITUDE ALAGOANA”

- Uma reescrita

“ARQUITETURA MODERNA: A ATITUDE ALAGOANA” – A REWRITE

“ARQUITETURA MODERNA: A ATITUDE ALAGOANA” – UNA REESCRITURA

Reberth Emmanuel Rocha Almeida

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, bolsista CAPES, reberthalmeida.ra@gmail.com

Fábio Henrique Sales Nogueira

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo UNIMA/AL, fabiohenriqu@gmail.com

RESUMO

O livro “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”, de autoria de Maria Angélica da Silva, foi editado em 1991, tornando-se, desde então, referência acerca dos estudos voltados para o patrimônio moderno alagoano. Decorridos 32 anos, apresenta-se a possibilidade de reedição da obra. Curiosamente, mais tempo separa nossos dias da primeira edição do livro do que deste em relação à última obra de arquitetura ali abordada (1964). De fato, tão tarde se fixa o modernismo nas terras alagoanas que já era tempo de colocá-lo em questão. Sentados à mesa, no emblemático Edifício São Carlos (1960), perguntamo-nos sobre o paradoxo de uma nova arquitetura que em menos de 27 anos havia envelhecido, mas, que ainda repercutia (e repercute) por décadas seus ditames nos modos de ensinar, aprender e praticar o ofício arquitetônico. O presente artigo relatará a dupla tarefa da equipe de pesquisadores que têm se dedicado a pensar a reedição de “A Atitude Alagoana”: seja aquela das “reescritas” do modernismo de Alagoas, tanto quanto aquela de olhar em retrospectiva e criticamente, algo que nasce e se desenvolve sob os auspícios modernos, isto é, a pesquisa e o ensino em arquitetura no mesmo estado.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Moderna; Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo; Historiografia da arquitetura moderna; Alagoas

ABSTRACT

The book "Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana", authored by Maria Angélica da Silva, was published in 1991. Since then, it has become a reference in the studies focused on Alagoas' modern heritage. After 32 years, the possibility of a new edition of the work is presented. Interestingly, more time separates our days from the first edition of the book than from the last architectural work discussed in it (1964). Indeed, modernism established itself quite late in the lands of Alagoas, and it was about time to scrutinize it. Seated at the table in the iconic São Carlos Building (1960), we ponder the paradox of a new architecture that had aged in less than 27 years, but still used to resonate (and continues to resonate) for decades in the ways of teaching, learning, and practicing the architectural profession. This article will report on the dual task of the research team dedicated to contemplating the reissue of "The Alagoan Attitude": both the task of "rewriting" Alagoas' modernism and the task of looking back retrospectively and critically at something that

emerges and develops under modern auspices, that is, research and education in architecture in the same state.

KEYWORDS: Modern architecture; research in architecture and urbanism; historiography of modern architecture; Alagoas

RESUMEN

El libro "Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana", escrito por Maria Angélica da Silva, fue publicado en 1991, convirtiéndose desde entonces en una referencia en los estudios centrados en el patrimonio moderno de Alagoas. Después de 32 años, se presenta la posibilidad de una nueva edición de la obra. Curiosamente, más tiempo separa nuestros días de la primera edición del libro que de la última obra arquitectónica abordada en él (1964). De hecho, el modernismo se estableció bastante tarde en las tierras alagoanas, y ya era hora de cuestionarlo. Sentados a la mesa en el emblemático Edificio São Carlos (1960), reflexionamos sobre el paradox de una nueva arquitectura que en menos de 27 años había envejecido, pero que aún resonaba (y continúa resonando) durante décadas en las formas de enseñar, aprender y practicar la profesión arquitectónica. Este artículo informará sobre la doble tarea del equipo de investigadores dedicados a contemplar la reedición de "La Actitud Alagoana": tanto la tarea de "reescribir" el modernismo de Alagoas como la tarea de mirar retrospectivamente y de manera crítica algo que surge y se desarrolla bajo auspicios modernos, es decir, la investigación y la educación en arquitectura en el mismo estado.

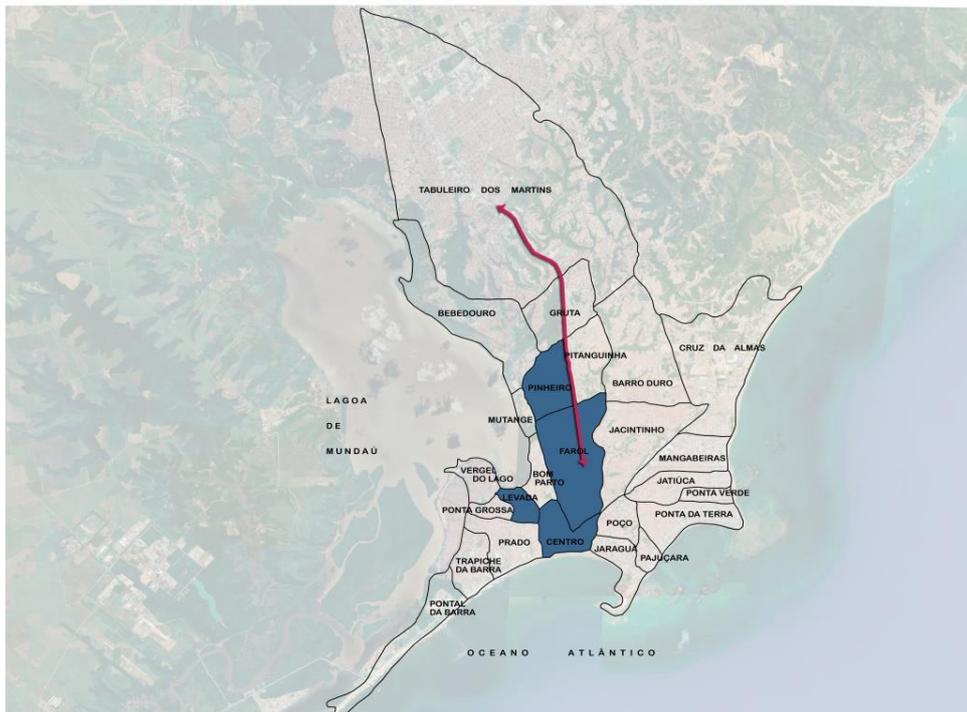
PALABRAS CLAVES: Arquitectura moderna; investigación en arquitectura y urbanismo; historiografía de la arquitectura moderna; Alagoas

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Em fevereiro do ano 2020, nos reuníamos pela primeira vez para discutir os caminhos que poderiam ser empreendidos a partir da proposta de reedição do livro “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”. Contávamos com a participação de dez pesquisadoras e pesquisadores¹, a maioria com interesses díspares daqueles abordados no livro. Percebemos um ponto em comum: éramos movidos pela memória e pelo afeto, seguido da curiosidade que nos aproximou de “A Atitude Alagoana”.

De fato, em nossas infâncias, adolescências ou vidas adultas, em algum momento, de alguma maneira, fomos atravessados pela arquitetura que preenchia as páginas do livro em fotos - fosse aquela ainda afeita às estilísticas neocoloniais, fosse a que abraçava com mais força o linguajar moderno.

Figura 1: Mapa de Maceió nos anos 80/90 destacando-se os principais bairros figurados no livro.



Fonte: Adaptado a partir de SILVA, 1991 sobre mapa do Google Earth

Um mapa comum parecia se desenhar enquanto empreendíamos nossa conversa sobre o Modernismo e a cidade de Maceió; figuravam de nossas lembranças, bairros como o Farol - com sua longa Avenida Fernandes Lima - o Centro, a Leva, por fim, também, o Pinheiro - uma das vítimas dos danos da mineração urbana que provocou o dramático afundamento do solo e deslocamento de centenas de famílias². Estes bairros conformam justamente a região da cidade que se desenvolve graças à abertura da avenida citada que, partindo do Centro, prolongou o crescimento urbano de Maceió para uma parte alta, plana e contínua, que cumpria os requisitos de ventilação e salubridade que à época pautavam a ordenação higienista das cidades no Brasil.

Nesse mapa “(re)percorrido”, ali, enquanto rememorávamos estes fatos, fomos nos dando conta das mudanças pelas quais a paisagem vinha passando e da acentuação do desaparecimento ou arruinamento das edificações vinculadas à modernização de Maceió. Exemplo era uma importante residência, situada na mencionada avenida, que estava naquele exato momento sendo modificada - muros e jardins removidos, formas rearranjadas - para se transformar numa clínica com seu estacionamento cimentado. Assim, cumpria a mesma destinação de inúmeras outras, inclusive podendo ter futuramente destino mais avassalador, que vem ocorrendo também com muita frequência, que é o da demolição.

O exemplo da casa/clínica talvez fosse paradigmático para pensar o drama da arquitetura moderna em Maceió, isto é, trata-se em sua maioria de residências particulares que estão sendo vencidas pelas exigências do mercado e da vida urbana cuja dinâmica empurra os lugares de moradia para bairros distantes. Poderíamos questionar se a arquitetura moderna não é vítima de um de seus próprios *modus operandi*: colocar cada coisa em seu lugar, setorizar. Mas, mais ainda: atualizar. Em outras regiões da cidade, para que os prédios modernos surgissem, edificações antigas foram reformadas ou destruídas.

Impunham-se então outros questionamentos: o que fazer diante do desaparecimento da materialidade e da forma moderna? Mais que isto; era preciso fazer algo? Manter a memória de quem para quem? Por que reeditar o livro “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”?

Ainda à mesa de conversa, folheamos alguns materiais particulares - desenhos de Manuel de Gusmão, organizados em álbum de família já desgastado pelo tempo. Observávamos como a arquitetura moderna em Alagoas e seus estudos eram tecidos a partir de uma dimensão sutil, dependente da conversa quase íntima para se conseguir acessar acervos e traçar conexões. As dimensões do lar e dos afetos parecem inescapáveis, seja pelo objeto - as várias residências - seja pela metodologia adotada - que demandou adentrar em casas, ganhar a confiança das famílias e, finalmente, ter acesso a depoimentos, álbuns e outros materiais.

No entanto, um mês após aquela reunião, decretava-se calamidade pública devido à pandemia de COVID-19. Os planos de reedição e republicação do livro que, em 2021, marcaria os 30 anos do lançamento do original, foram frustrados.

Figura 2: Análise dos originais do arquiteto Manuel de Gusmão ao lado da publicação durante reunião da equipe em fevereiro de 2020.



Fonte: Acervo Grupo Estudos da Paisagem, 2020.

Em 2023, os trabalhos foram paulatinamente retomados, ainda sob o formato das reuniões digitais. A equipe mudou, alguns concluíram suas pós-graduações, outros precisaram mudar de casa ou cidade. Gente nova chegou e somamos agora cinco integrantes. Por coincidência, uma de nossas colegas, passou a residir num dos emblemáticos edifícios que marcam a paisagem de Maceió e as páginas do livro, o São Carlos, projeto de 1960 de autoria do desenhista Walter Cunha.

Do São Carlos, pela primeira vez, Maceió viu o desvelar do mar numa morada em altura através de uma ampla janela cujo detalhe de desenho quase a configura uma *bow window*. Mais uma vez, estávamos diante da dimensão do lar e do acesso à intimidade, impassíveis perante o oceano que tomava de assalto nossos olhos, mostrando como o

modernismo também se faz de poesia. O livro em nossas mãos, folheávamos como um velho álbum de recordações daquela mesma paisagem.

Figura 3: Vista de uma das janelas do Edifício São Carlos em junho de 2023.



Fonte: Acervo Estudos da Paisagem, 2023.

Figura 4: Equipe de trabalho reunida no Edifício São Carlos em junho de 2023.



Fonte: Acervo Grupo Estudos da Paisagem, 2023.

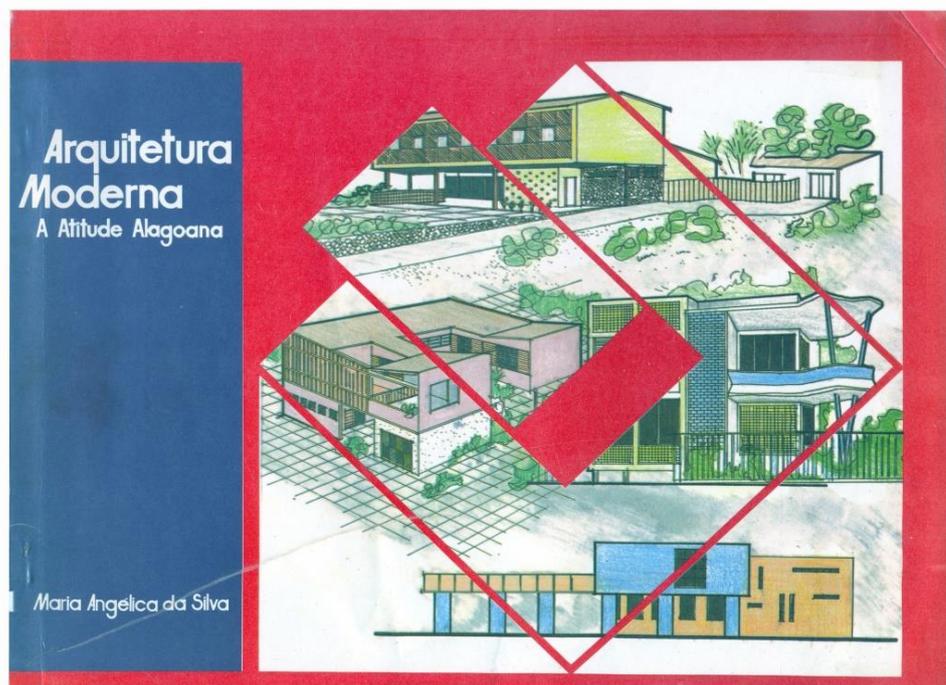
Desse modo, três décadas após o lançamento de “A atitude alagoana”, prosseguimos pensando em como a obra e sua produção ajudam a refletir sobre as mudanças nos cenários cultural, arquitetônico e urbanístico alagoano perpassadas em três bem pontuados momentos cronológicos (os 1960, 1990 e 2020), sobre como tem se dado a construção da formação dos arquitetos em nosso estado e sobre também como aqui tem se desenvolvido a pesquisa científica em arquitetura e urbanismo. Por fim, o texto lança um olhar para aspectos potentes abertos pelo livro como a questão da imagem, da dificuldade das fontes versus a experimentação da arquitetura e as diversas dimensões do fazer moderno, matérias primas não apenas para se projetar um redesenho do livro mas para repensar a arquitetura moderna como um todo.

O LIVRO E SEU CONTEXTO

Sobre desenhar um livro

“Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”, lançado em 12 de dezembro de 1991, foi publicado com o apoio do Instituto de Arquitetos do Brasil/AL e do Governo de Alagoas por meio das secretarias de Cultura e Comunicação Social. De autoria da professora Maria Angélica da Silva, o livro contou em seu processo de produção, entre os anos de 1984 e 1990, com a participação de nove estudantes de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Tratava-se da primeira turma para a qual a professora lecionou e que se mobilizaram pela produção da pesquisa visando a proteção daquelas casas e edifícios que, já àquela época, se mostravam em risco.

Figura 5: Capa do livro “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”



Fonte: SILVA, 1991.

O livro está estruturado em sete capítulos, sendo que os capítulos 1, 2 e 3 vão fazendo o leitor adentrar de modo decrescente nas particularidades contextuais dos cenários em que estavam imersas as experiências modernistas, acompanhando o processo de modernização na larga escala mundial e nacional até se deter em Alagoas. O capítulo 4 e suas subseções dedicam-se aos principais protagonistas da experiência moderna em Maceió; o capítulo 5, para além dos anteriores, faz uma incursão em uma Alagoas mais profunda, movendo-se para algumas das maiores cidades do interior alagoano. Já no capítulo 6 arrisca-se a acompanhar a incorporação do modernismo entre as camadas populares da cidade acrescido de ações populistas que aproveitavam o carisma da nova linguagem para obter ganhos políticos. Por fim, adentrando às minúcias, o capítulo 7 se propõe a observar os detalhes de acabamento da edificação moderna alagoana, mas, para além disso, ele parece ensaiar um olhar sobre a cotidianidade moderna por meio de uma pequena coletânea imagética que mostra salas, quartos, cozinhas e banheiros que, desabitados, abrem espaço para que se possa imaginar a vida que ali se passava. Estes três últimos capítulos agrupam e se aproximam paulatinamente de experiências que vão se distanciando e diluindo os ditames “oficiais” do movimento.

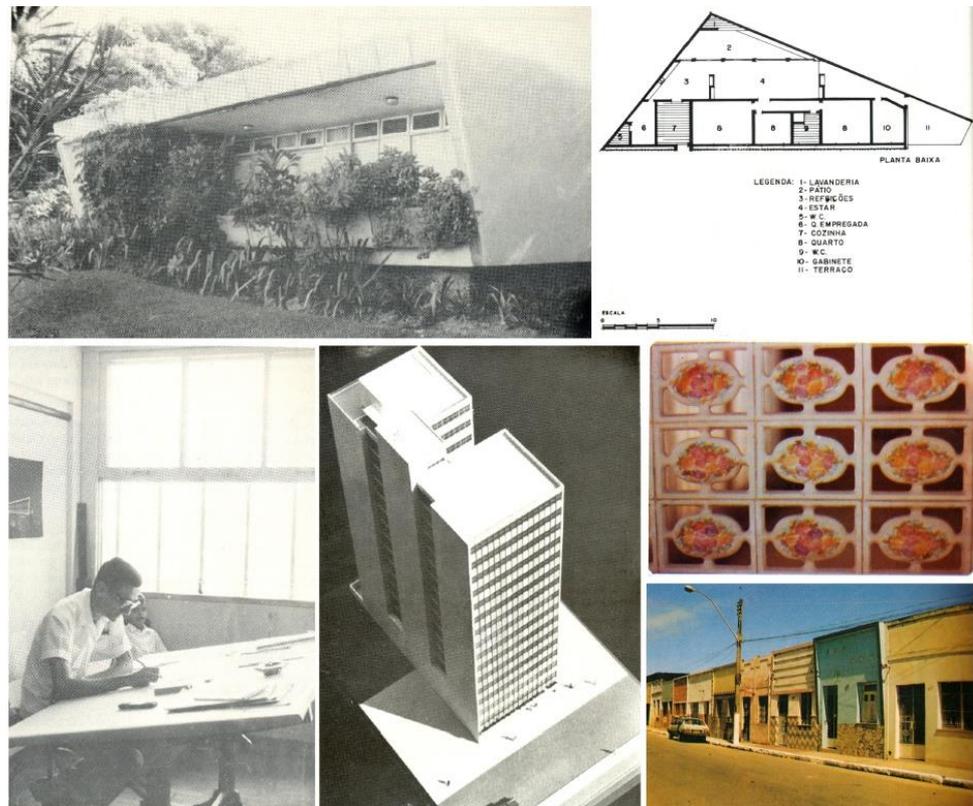
Mas voltando para o início do livro, ele já antecipa uma crítica às condições pelas quais o projeto moderno se instala no contexto alagoano:

A modernização arquitetônica e urbana de Alagoas desenvolve-se enraizada num contexto artificial, que contamina o seu produto. A arquitetura moderniza-se mas, malgrado o papel ativo que cabe ao próprio espaço de gerar renovações, a sociedade a que abriga permanece pouco mudada. Apesar disto, deve-se ressaltar que a experiência da Arquitetura Moderna permanece como fato significativo pois é etapa de fundo progressista no caminhar da produção cultural de Alagoas. (SILVA, 1991, p. 35)

O capítulo 4 e suas subseções acercam-se, como foi mencionado, dos que podem ser tidos como protagonistas do que a autora vai chamar de uma “atitude alagoana” frente às proposições modernistas para a arquitetura. É importante aqui observar quem são estes personagens em termos de profissão e gênero: Entre os oito abordados, há primeiro uma passagem entre o engenheiro-arquiteto ao profissional arquiteto propriamente dito, no entanto, contam-se três desenhistas. E, entre seis homens, figuram duas presenças femininas. A primeira, trata-se de Lygia Fernandes, que realizou obras importantes não só em Alagoas e que foram matéria de revistas nacionais e internacionais. É tida por muitos como a primeira e única arquiteta moderna brasileira de formação a ter uma projeção internacional (ESPINOZA; VASCONCELOS, 2019). Quanto à segunda arquiteta, Zélia Maia Nobre, foi responsável por uma vasta produção de obras modernas em Alagoas, além de ter sido fundadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, em 1973³. Em comparação às 21 páginas dedicadas às produções de Manuel de Gusmão e Joffre Simon - arquitetos que ainda passeiam entre linhas ecléticas até se alinharem às modernas, o segundo maior volume, 19 páginas, é dedicado à obra de Zélia.

Em seus sete capítulos, o livro apresenta um acervo de 346 imagens, que perfazem um arco de aproximadamente duas décadas e meia de produção arquitetônica em Alagoas, indo das casas de meia morada e bangalôs ao momento em que o modernismo se capilariza em interpretações populares. Deste acervo, 42 dizem respeito a desenhos técnicos, entre plantas e elevações, reproduzidos em escala. Além disso, há imagens fotográficas dos arquitetos e desenhistas, das obras e seus detalhes, além de edificações que antecederam as obras modernas.

Figura 6: Exemplos do acervo imagético da publicação



Fonte: SILVA, 1991.

Como informado em seu prefácio, escrito por Alberto Xavier (in SILVA, 1991, p. 9) em 1988, empreende-se pela primeira vez um trabalho dedicado propriamente à produção arquitetônica alagoana. Antes disso, os textos que davam notícias sobre a arquitetura no estado haviam sido o livro *Modern Architecture in Brazil*, da década de 1950, no caso da residência projetada por Lygia Fernandes e construída em Maceió e uma publicação da década de 1980⁴, que apresentava o recente Terminal Rodoviário da capital.

O LIVRO EM SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Como foi mencionado, “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana” foi produzido em colaboração com nove estudantes que são creditados na contracapa da obra junto à autora, agrupados em dois blocos cronológicos, 1984 a 1990 e 1984 a 1987. Eram alunos da então disciplina Arquitetura Brasileira II. Juntos, autora e estudantes, em atividades acadêmicas, iniciaram os trabalhos de pesquisa que incluíam o levantamento de informações jornalísticas nos periódicos *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*, referentes aos períodos de janeiro de 1950 a dezembro de 1964 (SILVA, 1991, p. 273), e um extenso trabalho de campo para a visita e levantamento das obras modernas, ainda complementado por trabalho realizado nos arquivos da prefeitura de Maceió (SILVA, 2019)

Figura 7: A equipe original em trabalhos de campo.



Fonte: SILVA, 2019.

Na época, o curso de Arquitetura da UFAL completava onze anos de existência. Ainda em 1981, o estado de Alagoas inteiro contava com um quadro de aproximadamente 70 arquitetos formais, sendo 22 deles, isto é, 31%, vinculados à universidade e iniciavam-se também os trabalhos de organização do IAB local (CARVALHO, 1981).

Nesse contexto, Maria Angélica transfere-se de seu estado natal, Minas Gerais, para Alagoas, onde passa a trabalhar, na cidade de Viçosa com o apoio do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CEPED), de Salvador-BA, no teste de novas tecnologias, com destaque ao solo-cimento. Esta experiência, além de outras, reforçam a ideia de uma “arquitetura sem arquitetos” que vai permear o pensamento e atitude metodológica posterior da autora que em 1983 passa a integrar o corpo docente da UFAL (SILVA, 2019, p. 17).

Foi no início dos trabalhos na docência, em processo de estudo e pesquisa sobre o Nordeste e Alagoas, que a autora percebeu a lacuna acerca de uma produção científica que se debruçasse sobre o próprio contexto, incluindo a produção de arquitetura moderna. O trabalho, como observado, se prolongou por sete anos até a publicação do livro, sendo feito entre idas a campo e coleta de depoimentos de arquitetos, desenhistas e construtores (SILVA, 2019, p. 18).

Adriana Freire (2015, p. 93) - em seu trabalho sobre a recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira a partir de uma abordagem historiográfica - fazendo uma visão panorâmica sobre a literatura especializada produzida, destaca o lugar de “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana” por seu trabalho pioneiro no sentido de, para além dos estudos monográficos, extrapolar as barreiras territoriais, aprofundando em livro a investigação da temática fora dos grandes centros brasileiros. O livro alinhava-se, assim, ao trabalho de outros arquitetos que no mesmo período tratavam de coletar o conhecimento sobre a produção arquitetônica no Brasil dos últimos trinta anos “após Brasília”. Freire (2015, p. 96) observa também que, aproximadamente um ano depois da publicação do trabalho de Maria Angélica da Silva, foi criado, em 1992, o núcleo

brasileiro do DOCOMOMO, abrigado no Mestrado da FAU/UFBA. Intensificando-se a partir daí as sistematizações e produções bibliográficas (incluindo trabalhos de pós-graduação) sobre a arquitetura e o urbanismo modernos no Brasil.

Além disso, a mesma autora (FREIRE, 2015, p. 95), sem fazer uma ligação direta, aponta que o envolvimento de alunos de graduação em pesquisa, conforme feito na produção de “A Atitude Alagoana”, tornou-se prática adotada por outros cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo. De fato, esta será uma ação pioneira também no estado de Alagoas em se tratando de inaugurar a pesquisa científica em arquitetura⁵. Apenas após os trabalhos de pesquisa para “A Atitude Alagoana”, e ainda atrelado à temática do Modernismo em Maceió, a UFAL veria surgir e prosseguir, de 1992 a 1999, o grupo de pesquisa denominado Núcleo Arquitetura da Cidade, composto pelas arquitetas e professoras Maria Angélica da Silva, Maria de Fátima Campello e, mais tarde, em 1993, por Regina Coeli Carneiro Marques e pelos primeiros bolsistas de iniciação científica do curso. Assim, o Núcleo desenvolveu seus estudos a partir das perspectivas da cidade desenhada pelos profissionais, da cidade habitada e da cidade visitada⁶. Neste ínterim, em 1998, seria fundado também o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que dá prosseguimento, atualmente, às atividades de refletir sobre e promover a reedição de “A Atitude Alagoana”.

A autora, Maria Angélica⁷, contextualizando o processo de construção do livro, destaca aspectos como ausência de fontes e, devido a isto, a formação de uma metodologia de pesquisa ligada ao contato com os objetos arquitetônicos em estudo e, portanto, à experimentação em campo. Além disso, o texto da obra vai ser costurado utilizando-se - junto à literatura especializada e a à iconografia - de fontes diversas, incluindo obras literárias de autores alagoanos. Coloca-se, como se tem aqui observado, em diálogo, as produções de teores erudito e popular. A pesquisa de campo, por seus próprios caminhos, reforça para os pesquisadores a ideia de arquiteturas sem arquitetos que, por fim, comporá as páginas da obra publicada.

Para além de “Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana”, porém junto e a partir dele, a FAU-UFAL, arraigadamente desde sua fundação ligada ao Modernismo - que se expressa ainda em modos de pensar e agir e mesmo no desenho do contemporâneo prédio que ela passou a ocupar em 1996⁸ -, desenvolve outros caminhos sobre como pensar, discutir e trabalhar o ofício arquitetônico. Em 2023, comemoram-se vinte anos de criação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Dinâmica do Espaço Habitado e dez anos da criação de seu doutorado; a graduação da FAU-UFAL, por sua vez, completará seus 50 anos. De certo modo, a experiência da metodologia da “Atitude Alagoana”, tanto quanto a teoria moderna em si, ainda encontram ecos e embates em nossas salas e corredores. Resta pensar e mensurar acerca destes, mesmos ecos e embates na produção arquitetônica e urbanística em nossa cidade e estado.

DESAFIOS DA REEDIÇÃO E NOVAS POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM

Quando tomamos como referência o recorte temporal proposto na publicação, podemos pensar o cenário registrado como uma espécie de captura ou retrato dos esforços de modernização que aconteceram na capital e em alguns municípios do estado e que não se limitaram a uma simples questão de estilização da casca das edificações mas, acima de tudo, estavam imersos em um contexto de mudanças nos meios de viver. Sabendo que não conseguimos separar os modos de habitar/ocupar dos fluxos que moldam os tempos contemporâneos, uma das inquietações do grupo de trabalho é, justamente, pensar como o universo investigado na publicação resistiu aos muitos deslocamentos e embates trazidos com as noções de vida na contemporaneidade.

Isto posto, ratificando uma postura investigativa e criativa da equipe que reconhece o poder determinante das temporalidades na construção do mundo, nestes quase trinta anos, as realidades de Alagoas e de Maceió mudaram. Conceder especial atenção às dinâmicas da vida significa não privilegiar apenas os atributos físicos/materiais que se conectam à ideia de modernidade e muitas vezes tão destacados por determinadas posturas patrimoniais mas, acima de tudo, pensar que o que enxergamos hoje foi sendo conformado por esse amassar dos tempos que ali resultam. Manifesta recorrentemente movimentos que vão de encontro à preservação, à noção de integridade ou da própria categoria de “completude” muitas vezes posta como condição para inclusão ou retirada dos fenômenos do âmbito da “preservação patrimonial”. A assunção deste posicionamento que enfatiza o poder das temporalidades, faz eco à proposta de Heterocronias urbanas e gestos aberrantes apresentada por Jacques et al (2017), quando saem em defesa de uma leitura dos processos históricos pelas diferenças dos vários tempos que conformam o hoje, acolhendo inclusive, o anacrônico, o conflituoso, realidade posta quando observamos as cidades nos dias de hoje.

A coexistência de diferentes tempos está evidente na materialidade da cidade. No tempo do “Agora” estão presentes as sobrevivências dos gestos de “Outrora”, mas não de um passado histórico e linear. Referimo-nos às sobrevivências de “Outrora”, que irrompem, emergem no “Agora” e que, portanto, provocam choques de tempos heterogêneos (JACQUES et al, 2017, p.320).

Estas dissonâncias, conflitos e divergências são frutos, dentre outras coisas, do avançar nos tempos. Conjecturando sobre os efeitos das temporalidades na experiência arquitetônica e urbana moderna em Alagoas, para além de assinalar uma lista de edifícios remanescentes ou não, certamente estaremos falando sobre ausências, silenciamentos, arruinamentos, derivações e transformações dos espaços apresentados no livro quando os interpelarmos pelo hoje.

Na tentativa de compreender este afastamento temporal, percebemos que Alagoas acompanha a tendência nacional de crescimento demográfico no fim do século XX, quando comparamos a década de 1980 com a de 1990, chegando, de acordo com o Censo de 1991, a uma população de mais de dois milhões e meio de pessoas. Este processo segue eclodindo e, após mais duas décadas, o último mapeamento populacional indica um total de mais de três milhões de habitantes. (IBGE, 2022). Para além dos números, esta expansão nos fornece pistas para pensarmos os próprios deslocamentos no cenário cultural, urbano e arquitetônico do estado e, conseqüentemente, das cidades abordadas na publicação e provavelmente deixando sob tensão os discursos de “outrora” e do “agora” (JACQUES et al, 2017).

Tendo estas inquietações no horizonte, podemos acompanhar como o estado e as próprias cidades foram crescendo, ganhando novos contornos e construindo outras referências de habitar, seja em processos mais lentos e espontâneos ou quando novas

áreas surgem padronizadas, como nos casos de políticas públicas habitacionais. Como estão se comportando os “meios” de vida modernos na contemporaneidade? E quais papéis os programas arquitetônicos e urbanísticos têm desempenhado nestes processos?

No contexto abordado na publicação, Maceió já apresentava áreas de ocupação consolidadas na região central e na parte alta, sugerindo um vetor de crescimento ao norte da cidade com a avenida Fernandes Lima, já mencionada. O livro apresentou obras nos bairros do Centro, Levada, Trapiche, Poço, Vergel do Lago e Pajuçara na parte baixa e Farol, Gruta e Pinheiro na alta.

Porém, nos últimos cinquenta anos, as linhas de crescimento da cidade ampliaram o perímetro de Maceió. Além da consolidação das áreas comentadas, o processo de ocupação seguiu rumando ao norte da parte alta sendo o bairro Tabuleiros dos Martins subdividido, processo que foi ainda mais impulsionado por empreendimentos públicos habitacionais. Na parte baixa, o surgimento de edifícios residenciais verticais iniciado na década de 1960 se intensifica com a ocupação e adensamentos dos bairros da orla do mar, transformando as espaçosas casas de veraneio da cidade em prédios verticais multifamiliares. Sobre esta espécie de “adaptação” dos modos de ocupar, de um fincado no chão para outro em altura, Camila Casado em sua pesquisa que investigou a migração para o morar no alto e sua relação com o mar, comenta:

A partir da segunda metade da década de 1970 aumenta a quantidade de edifícios residenciais verticais na capital, fato comprovado nos registros dos mesmos na SMCCU. Nessa época, a cidade contava com cerca de 250 mil habitantes (IBGE, 2007) e o crescimento, que acontecia do ponto de vista sócio-econômico em bairros como Centro, Levada, Bebedouro, Jaraguá, Poço, Trapiche da Barra e Farol, passou a dar sinais de mudanças, expandindo-se para bairros como Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, assim como bairros mais internos da cidade.

Dessa forma, os primeiros edifícios residenciais verticais das praias do litoral Norte – Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca – dão impulso à tipologia residencial que ganharia vulto na década seguinte. (CASADO, 2017, p. 221-222).

Mais recentemente, a verticalização em Maceió tem avançado para os bairros do litoral norte que estão em processo de consolidação deste tipo de ocupação. Fechando este esforço em comentar brevemente as transformações dos cenários do livro para os tempos de hoje, cabe lembrar as alterações trazidas pelo crime ambiental, já mencionado, cujas consequências ainda são incalculáveis, levando inclusive, exemplares modernos tratados no livro.

Desse modo, é partindo da sobreposição de muitas camadas de informação que o trabalho com a reedição tem se debruçado, buscando compreender de que modo a atitude moderna alagoana tem resistido às inexoráveis investidas do mundo contemporâneo em um universo que se colocava, de algum modo, inabalável: o tempo moderno, com sua adesão indiscutível ao novo, e, portanto, às mudanças contínuas. Menos a inesperada crítica ao desenvolvimento.

Passeando brevemente pelas pesquisas que abordam o moderno em Alagoas após a publicação do livro, em ordem cronológica, destacamos o trabalho de mestrado de Vanine Amaral (2009) intitulado “Expressões arquitetônicas de modernidade em Maceió: Uma perspectiva de preservação” que parte de um recorte temporal um pouco mais amplo, resgatando exemplares do século XIX até a década de 1960, refletindo sobre como as políticas de preservação do patrimônio acolheram estas intenções modernizadoras que marcaram esta época. Alguns anos depois, a pesquisa de Thalita do Nascimento (2015) “Casas e gentes: modos de viver e morar em uma cidade no

interior de Alagoas”, orientada pela própria Maria Angélica, objetiva, a partir da investigação sobre as casas de meia morada no município de Quebrangulo/AL, como o habitar em um programa tão tradicional no Nordeste se comporta no novo século. Ao adentrar estes espaços, a autora encontra elementos modernos que dialogam com os exemplares registrados no próprio livro. Também fruto de orientação de Maria Angélica, Denise da Silva (2016) em “Do arquivo técnico aos álbuns de família: o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950” aprofunda aspectos do viver na capital num contexto pré-moderno. O trabalho de Rafaella Carvalho (2017) pensa criticamente sobre o papel da municipalidade na preservação do patrimônio maceioense, ao avaliar as Unidades Especiais de Preservação, estabelecidas no Plano diretor da cidade e das quais fazem parte vários exemplares modernos. O “valor” patrimonial do bairro do centro de Maceió segue sendo problematizado por inúmeras pesquisas, como a empreendida por Larissa Carreiro (2017), quando se depara com o ocaso do bairro e pergunta até onde ele e suas arquiteturas podem ser ainda consideradas enquanto “patrimônio”. Também abarcando a produção moderna, mas agora cruzando com a discussão de gênero, a investida de Fernanda Félix (2018) indaga “Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses?” em um lapso temporal que toma como referência a década de 1950 até a contemporaneidade. Nesta trajetória se destacam as já citadas Lygia Fernandes e Zélia Nobre, com o acréscimo da arquiteta Edy Marreta.

Mais recentemente dois trabalhos também de mestrado tomam a produção moderna maceioense como foco. A pesquisa de Henrique Gomes (2021) analisa a relação das pessoas com as praças criadas e/ou remodeladas a partir da década de 1960 no bairro da Ponta Grossa, que tinha como objetivo promover a “modernização da cidade”. Por fim, o trabalho de Tamires Cassella (2021) foca especificamente na produção arquitetônica moderna em Maceió, pensando em como a preservação desta expressão pode ser problematizada por meio da relação da imagem.

Cabe destacar alguns trabalhos que não abordam especificamente o moderno mas que, de algum modo, tensionam questões importantes para compreender o papel deste momento na historiografia da nossa arquitetura e da própria cidade de Maceió. O primeiro é a dissertação de Gabriela Barbosa (2009) que se propõe a fazer uma reflexão crítica sobre a produção arquitetônica contemporânea de Maceió, que dialoga fortemente com os preceitos modernos, seja pela própria referência temporal a partir da década de 1980, seja pela própria formação dos arquitetos e arquitetas, essencialmente ainda modernos. Outra pesquisa que nos ajuda a entender como o pensamento moderno impacta na produção dos espaços da cidade, é o trabalho de Jaianny Duarte (2018) que toma como referência os cartões postais produzidos pelo fotógrafo Luis Lavenère⁹ que, essencialmente, retratam uma Maceió eclética e com diversos exemplares arquitetônicos localizados nos bairros centrais da cidade.

Já nas pesquisas em nível de doutorado, temos as teses de Camila Casado (2019) - que investiga sobre os primeiros edifícios residenciais verticais da orla de Maceió - e de Letícia Brayner (2023) - que analisou parte da produção residencial da arquiteta Zélia Nobre.

Assim, além do desafio comentado de tensionar o papel dos tempos com os espaços e arquiteturas apresentados no livro, outra provocação estabelecida pela própria equipe é a de fazer conversar com a reprodução das fontes originais, novas informações que foram sendo desenvolvidas sobre o moderno alagoano nestas décadas após o lançamento do livro. Assim, diferente da primeira equipe que, de fato, produziu pesquisa acadêmica a partir do campo, inaugurando a temática no contexto do estado, o esforço desta vez tem se aproximado bastante do trabalho com acervos e curadorias, afinal, a proposta é a de reproduzir o livro, mas, ao mesmo tempo, produzir outros discursos e interpretações com os olhares do hoje, absorvendo inclusive, as possibilidades ofertadas pelas novas mídias.

Isto posto, apesar de muitas obras e regiões inteiras da cidade do livro ainda existirem nos dias de hoje, navegar pelo acervo nos coloca em contato com tempos outros, em

diálogo não só com arquitetas, arquitetos e desenhistas, mas também, com a própria equipe de desenvolvimento. A pesquisa que se empreende desta vez, além de praticar ciência e criatividade, assume a autonomia tanto do material quanto de um olhar ou atitude, espelhando o título do livro, que agora questiona não só os espaços e arquiteturas modernas alagoanas, mas acima de tudo, a própria publicação.

Dentre as premissas da reedição, o papel das imagens tem se substanciado como determinante para acessar este universo para além da dimensão ilustrativa, há muito tempo já abandonada. Os estudos imagéticos propostos, seja de recuperação das fontes iconográficas originais, na criação de novas imagens e cruzamento de fontes antigas e novas, partem do pressuposto da imagem como evidência histórica, autônoma e portadora de potências em comunicar. Um conceito de imagem próximo a Burke (2017) e Samain (2019) quando advogam sobre o papel discursivo das iconografias nos seus mais variados possíveis suportes. Nestes diálogos entre os sujeitos e as imagens, muitas vezes elas são os únicos meios de acesso a este universo moderno, pois como comentado, muito do que se retratou no livro erodiu, fortalecendo ainda mais o peso delas no trabalho.

Assim a ideia de uma reescrita que se inicia com o gesto de pensar um fac-símile, caminha para a abertura de um campo mais complexo, onde outras escritas visuais e textuais serão trançadas, de modo que a publicação remeterá ao seu tempo, mas segue tensionando os outros tantos que definiram o destino da atitude moderna alagoana frente à Arquitetura.

CONCLUSÃO

O esforço em reeditar o livro inicia um movimento bem delimitado de permitir a outras gerações de pessoas interessadas na experiência alagoana com a arquitetura moderna, o contato com uma publicação que, como visto, acabou se tornando pioneira em várias frentes e uma obra de referência. Em outras camadas, este reexame passados mais de trinta anos, também é uma forma de retomar, analisar e compreender uma forma de fazer e pensar a arquitetura, a moderna, que foi responsável por formar toda uma geração de arquitetos e arquitetas desde a fundação do curso da Universidade Federal de Alagoas, onde a influência do projetar moderno é perceptível até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Vanine Borges. **Expressões Arquitetônicas de Modernidade em Maceió: uma perspectiva de preservação**. 2009. 176p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

BARBOSA, Gabriela Biana. **Arquitetura contemporânea em Maceió (1980-2008): uma reflexão crítica**. 2009. 185p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARREIRO, Larissa Santos. **O Centro de Maceió: as referências de um patrimônio edificado**. 2017. 125 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

CARVALHO, Maria Luiza de. **Memória: iabs norte-nordeste. Módulo: Brasil Arquitetura**, Rio de Janeiro, ed. 62, p. 6, jan-fev. 1981.

CARVALHO, Rafaela. **A proposta da salvaguarda das unidades especiais de preservação (UEPs) de Maceió: Uma avaliação após 11 anos de instituição do instrumento**

urbanístico. 2017. 198 p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

CASADO, Camila Antunes de Carvalho. **A invenção da praia e o viver nas alturas em Maceió-AL.** Curitiba: Editora CRV, 2022.

CASSELLA, Tamires Aleixo. **Imagens-memória: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió.** 2021. 215p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

DUARTE, Jaianny Fernandes. **Quando se olha para o escuro: a Maceió de Luis Lavenère Wanderley através dos seus negativos de vidro.** 2018. 211p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro. Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO, 13, 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento da Bahia, 2019.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFAL (Maceió-AL). **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Histórico.** Disponível em: <https://fau.ufal.br/institucional/historico>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e Difusão da Arquitetura Moderna Brasileira: uma abordagem historiográfica.** 2015. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - Campus São Carlos, São Carlos, 2015.

GOMES, Henrique Eugênio de Carvalho. **Memórias de praças do bairro da Ponta Grossa - Maceió/AL: o discurso populista transformado em arquitetura na "cidade sorriso" do prefeito Sandoval Cajú (1961 -1964).** 2021. 345p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

JACQUES, Paola Berenstein et al. Temporalidades. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. (org.). **Corpo cidade: gestos urbanos.** Salvador: Edufba, 2017.

KATINSKY, Júlio. O arquiteto e a Cultura Brasileira nos anos 80. **Módulo: Brasil** Arquitetura, Rio de Janeiro, ed. 84, p. 30-40, mar. 1985.

NASCIMENTO, Thalita Lins do. **Casas e gentes: modos de viver e morar em uma cidade do interior de Alagoas.** 2016. 234 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

RAMALHO, Letícia Brayner. **A arquitetura residencial de Zélia Maia Nobre: uma trajetória em Alagoas.** 2023; Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens.** São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

SILVA, Denise Lages Vieira da. **Do arquivo técnico aos álbuns de família: o morar no bairro do Farol na Maceió dos anos 1940 e 1950.** 2016. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió, desde a década de 50 até os dias atuais.** 2018. 187p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna: A Atitude Alagoana.** Maceió: SERGASA, 1991.

SILVA, Maria Angélica da. **Memorial Acadêmico**: Maria Angélica da Silva. 2019. 502 f. Memorial Acadêmico (Concurso para Professor Titular Classe E) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

NOTAS

¹ A equipe responsável pela reedição do livro é composta por membros do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que também se dedica à criação de produtos culturais. Ver fau.ufal.br/grupopesquisa/estudospaisagem/

² Sobre o crime da Braskem, consultar a tese de doutorado de Marina Milito (2022) que aborda o caso a partir de um olhar estético-crítico.

³ (FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFAL, 2023).

⁴ Trata-se da edição nº 84 da Revista Módulo em artigo de Júlio Katinsky acerca da produção arquitetônica brasileira na corrente década de 1980 (KATINSKY, 1985, p. 39)

⁵ SILVA, 2019, p. 61. Esta é considerada a primeira ação de pesquisa do que futuramente, em 2006, viria a ser a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

⁶ SILVA, 2019, p. 63

⁷ SILVA, 2019, p. 63

⁸ FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - UFAL, 2023

⁹ Jornalista alagoano, fotógrafo amador e editor de uma série de cartões postais que foram amplamente difundidos no início do século XX (DUARTE, 2018, p.03)